

O Legado de Plínio Chartô

Plínio Chartô foi o primeiro presidente da UPC.

Ele nasceu na cidade de Devena, no planeta Capela. Seus pais adotivos, Gilder Barl Chatô e Alexsir Pan Vertal, eram ambos professores universitários na mesma cidade. Plínio foi encontrado abandonado com pouco mais de dois meses, deixado dentro de uma caixa no estacionamento da faculdade.

Gilder, ao ouvir o choro frágil, sentiu um aperto no coração e, sem hesitar, decidiu levá-lo para casa. O bebê estava enrolado em uma manta que mal o aquecia. Ao chegar, Alexsir preparava o jantar, e o cheiro agradável das especiarias preenchia a cozinha.

— De quem é esse bebê? — perguntou Alexsir, após dar um leve beijo em Gilder, seus olhos arregalados de surpresa enquanto olhava para o pequeno ser nos braços do parceiro.

— Nosso filho — respondeu Gilder, com um sorriso suave, mas determinado, sabendo que aquela seria a decisão certa.

Os olhos de Alexsir brilharam com lágrimas não derramadas, um misto de emoções inundando seu peito: surpresa, amor imediato e um senso de responsabilidade. Ele sugeriu que procurassem as autoridades para legalizar a adoção. Optaram por chamá-lo de Plínio, em homenagem ao pai de Alexsir, falecido há pouco mais de seis meses — uma maneira de manter a memória viva em suas vidas.

Plínio cresceu saudável e, desde cedo, demonstrou grande inteligência. Incentivado pelos pais, lia todos os livros da biblioteca e fazia perguntas complexas. Demonstrava preocupação com o bem-estar dos amigos, doando seu lanche para quem precisava. Era conhecido por sua atenção aos professores e colegas, sempre atento e com olhos brilhantes, cheio de curiosidade e empatia.

O jovem também apreciava correr pelas vastas campinas dos parques subterrâneos de Devena, praticar esportes com uma energia contagiante e assistir a programas infantis, especialmente os musicais, onde seus olhos se enchiam de brilho e ele dançava pelo chão da sala. Adorava participar de festas de aniversário, onde seu riso ecoava e enchia a casa de alegria.

A família manteve-se unida por muitos anos, apoiando-se mutuamente, criando um laço forte e inquebrável, nutrido por carinho e compreensão. Cada momento compartilhado construía memórias que aqueciam seus corações e fortaleciam seus vínculos.

Quando chegou à adolescência, Plínio já chamava a atenção. Os olhos negros, sempre alertas, pareciam mergulhar em mistérios que ninguém mais via. Os cabelos brancos — de um tom prateado — caíam em fios finos e leves sobre a testa, e bastava uma brisa para bagunçá-los, como se carregassem suas próprias vontades. Havia nele um ar de distração constante, como se vivesse à beira de dois mundos: o real e o que nascia dentro dele. O sorriso, leve e quase permanente, surgia com sinceridade quando se sentia satisfeito, como uma chama que brotava no fundo dos olhos.

Aos dezessete anos, com a mente já efervescente de ideias, entrou na faculdade. Não escolheu História, como seus pais. Filosofia o chamou como uma inquietação que pulsava no peito. Ele queria entender a mente. Os desejos. O que move as vontades capelinas.

Queria cavar fundo, desenterrar significados. Sabia, em silêncio, que tudo isso era o solo onde florescia aquilo que verdadeiramente amava: a escrita.

Começou a escrever aos catorze. No começo, os textos vinham crus, ainda imaturos: heróis em mundos distantes, muito além da gélida Capela. Desenhava terras verdes e ensolaradas, em contraste com a realidade soterrada de seu povo — que vivia no subsolo, abrigado do vento cortante que rugia lá fora. Com o tempo, os mundos ganharam corpo, as histórias pulsaram com vida própria. Personagens nasciam carregando sonhos e cicatrizes. Nomes, gestos, vozes. E sempre havia alguém a ler.

Alexsir, seu pai, lia em silêncio e devolvia com um olhar atento. Depois, vinha a voz firme e afetuosa:

— Coloque isso... tira aquilo. Descreva as emoções, dê vida ao personagem. Mostre seus modos, seus gestos. Assim ele ficará preso na mente do leitor — dizia, enquanto passava os dedos pelas páginas digitadas.

Plínio ouvia com atenção. E entendia. Trancava-se no quarto, deitava-se no chão com o caderno aberto no peito e deixava a mente flutuar; sempre fazia um manuscrito antes de ir para o computador. Às vezes falava sozinho; outras, encarnava seus personagens em diálogos infintos. Quando se distraía demais, passava a mão nos cabelos num gesto ansioso, tentando ajeitá-los — sem sucesso.

A entrada na faculdade foi simples. Como filho de professores, conquistara uma bolsa automaticamente. Mas a escolha do curso não fora assim tão fácil.

— Filosofia é só o começo — confessou a Gilder uma noite. — Eu queria tudo... Geografia, História, Astronomia. Tudo pulsa em mim.

Na sala ao lado, o pai Alexsir, ouvia. Entrou com a voz serena:

— Filho, você começa com um. Se não gostar, vai para o outro. Ou termina e faz outro curso. Você não precisa se apegar a uma coisa só. Tem o tempo que quiser para conquistar o seu conhecimento.

Plínio assentiu devagar.

— Sim, pai. Eu sei... mas queria que fosse mais rápido. Tenho ânsia. Fome de saber. Quero aplicar tudo isso nas minhas histórias, nos meus personagens! Quero vê-los vivos!

Os olhos dele brilhavam com uma luz quase febril.

O primeiro livro veio como um raio em céu claro. Era seu aniversário de vinte anos. Estava a três meses da formatura quando, ao chegar em casa, viu o pacote sobre a mesa. O nome gravado na capa em letras prateadas cintilava como um segredo revelado:

Viagem Além dos Mundos. Tinha quase duzentas páginas. Era a jornada de Van Castril, um piloto capelino que atravessava galáxias em busca do infinito. Planetas distantes, amores improváveis, descobertas científicas e questões filosóficas se entrelaçavam na narrativa. Plínio folheou as páginas com as mãos trêmulas.

— Pai... você encadernou isso?

Alexsir sorriu.

— Mais que isso. Mandeí publicar. Ainda não foi para as lojas, porque precisa da sua autorização. Mas já temos cem exemplares prontos. Se quiser, levamos às livrarias. Ou então... dá de presente a quem você quiser.

Plínio levou o livro ao peito. A emoção apertava, transbordava no olhar.

— Não posso guardar isso só pra mim, não é? Vamos deixar ele voar por aí — disse com um sorriso sereno, quase infantil. Abraçou os pais, demoradamente. Havia gratidão demais para caber em palavras.

A formatura chegou. E com ela, o que ele mais temia: o fim da convivência com Evel Por Lanmar. Plínio havia passado anos observando-a. Não era a mais bela da sala, nem a mais brilhante. Mas havia algo nos olhos verdes de Evel, e no modo como penteava o cabelo branco — curto, prático — que o deixava encantado. Ela não chamava atenção por gritar, nem por brilhar. Ela apenas... era. Simples, serena. Genuína.

Nunca teve coragem de se declarar. Aproximaram-se com o tempo, trabalhando juntos em apresentações, congressos, exposições. Riam juntos, trocavam provocações e piadas privadas. Mas nunca passou disso. Ele temia o que poderia perder caso revelasse o que sentia. O coração dele pulsava em silêncio, escondido por trás de sorrisos e olhares desviados.

Agora, tudo mudaria. Ela voltaria para sua cidade natal. Ele, talvez, seguiria outro curso. O tempo havia acabado.

O salão da formatura estava lotado. O nome dele ecoou pelo alto-falante, e Plínio sentiu o peito contrair. Respirou fundo. Evel já estava lá no palco, reluzente na toga azul-celeste, como ele sempre a vira em seus sonhos.

Subiu. Olhou os pais, ali embaixo, felizes e realizados. Apertou a mão dos professores, do reitor. Recebeu o diploma, sorriu por reflexo. Caminhou até o grupo da turma e parou ao lado de Evel. O coração batia como se quisesse fugir do peito. Ela ajeitou o chapéu de formatura distraidamente.

Num impulso que vinha se construindo por anos, ele segurou a mão dela. Aproximou-se, respirou o perfume leve que sempre o deixava tonto e murmurou com a voz trêmula:

— Eu te amo. Sempre te amei. Desde o primeiro dia de aula. Eu... não posso deixar esse sonho acabar sem dizer isso.

Evel arregalou os olhos. Por um instante, o mundo parou. Ela soltou a mão dele... e deu uma gargalhada. A mesa da formatura se virou, curiosa. Ela silenciou de repente, os olhos brilhando de algo indecifrável.

Plínio empalideceu. O rubor subiu como labaredas pelo rosto. Engoliu em seco. Ficou parado, esperando. O peito batia em descompasso, o silêncio doía.

O nome do último aluno foi chamado. O reitor parabenizou a turma e pediu o grito de guerra. Antes que o som explodisse no salão, Evel virou-se. Os olhos verdes transbordavam algo novo. E num gesto súbito, cheio de alegria e alívio, puxou Plínio pelo colarinho da toga e o beijou. Um beijo verdadeiro, profundo, selado com um abraço apertado. Ao redor, gritos e palmas. Colegas pulavam, vibravam, apontavam.

— Eu também te amo — disse ela, ofegante. — Achei que você nunca falaria nada. Que medo eu tinha de você ir embora...

Ele a ergueu com os braços, girando no ar como se o mundo tivesse ganhado nova órbita. Lá embaixo, os pais de Plínio choravam. Não por saudade ou por fim de ciclo. Mas porque, naquele instante, o viram completo. Inteiro. Feliz.

A vida, como uma longa trilha silenciosa que não cessa, seguiu seu curso.

Formados e, agora, oficialmente um casal, Plínio e Evel mergulharam juntos no próximo capítulo. Plínio, fiel ao projeto meticuloso que traçara para si desde a adolescência, inscreveu-se no curso de História — o segundo passo no caminho que vislumbrava como escritor completo. Já Evel, com a ajuda discreta e generosa de Alexsir, conquistou uma vaga como professora em uma escola secundária da capital. Graças a isso, não precisou retornar à sua cidade natal. Era uma oportunidade estável, digna, e permitia que ela permanecesse ao lado de Plínio.

Para ele, aqueles dias foram de uma felicidade quase inexplicável. Estava cercado por tudo que amava: as ideias, os livros, seus pais, a história do seu povo e, principalmente, Evel.

Claro, nem tudo era poesia. Como todo relacionamento real, havia tensões. Havia momentos em que o pé no chão de Evel — firme, sensato, inflexível — chocava-se com os devaneios de Plínio, que insistia em voar alto, às vezes alto demais. Ele sonhava com dragões, teorias e estrelas; ela lembrava das contas, das aulas, do tempo. Mas mesmo nos atritos, havia uma dança secreta. Quando ele se perdia demais em seus mundos irrealis, ela estendia a mão como quem puxa de volta um balão prestes a desaparecer no céu.

— Você sonha tão alto, Plínio... — dizia ela, certa noite, observando-o rabiscar freneticamente um mapa imaginário sobre a mesa. — Só não se esqueça que seu corpo ainda caminha na terra.

Ele sorria, amava isso nela. Amava o fato de que, mesmo sendo sua âncora, Evel jamais o prendia.

O curso de História abriu nele novas perspectivas.

— A fé dos capelinos não pode ser compreendida apenas pela lógica — dizia Gilder, numa das muitas conversas de fim de tarde, enquanto saboreavam chá de nilen quente. — Ela se mistura com nossa história em camadas profundas. Não tente separá-las. Não é assim que a verdade vive.

Gilder falava com aquela devoção calma dos estudiosos que também creem. Era um historiador renomado, sim, mas também um seguidor fervoroso de Egrom, o deus maior dos capelinos. Do outro lado da mesa, Alexsir ouvia e sorria, cético e respeitoso.

— E se a fé for só uma metáfora que ajudou o povo a sobreviver ao frio e à escuridão de Capela? — perguntava, com seu tom provocador.

Gilder revirava os olhos.

— Alexsir... um dia ainda admitirá que a alma dos capelinos pulsa além da lógica.

Plínio observava os dois como quem assiste a um espetáculo. Sabia que era feito da soma deles. Da fé de um e da razão do outro.

Com o diploma da segunda graduação nas mãos, surgiu um novo desejo: construir uma vida a dois. Não apenas dividir o tempo com Evel, mas criar algo juntos. Então, após o jantar de formatura em casa, cercado pela família, tomou coragem. Na cozinha, viu Evel lavando os pratos, os cabelos brancos — agora crescidos — presos num coque displicente. Aproximou-se com as mãos suando, coração aos pulos.

— Evel... — pigarreou. — Eu... queria te perguntar uma coisa.

Ela não virou, apenas continuou lavando calmamente.

— Estou ouvindo.

— Quer... quer se casar comigo?

Silêncio. O som da água correndo parecia zombar da espera dele. Ela terminou o último prato, enxugou as mãos com um pano, virou-se e o encarou.

— Você está suando, sabia?

Ele mordeu o lábio, nervoso.

Então ela gargalhou.

— Eu aceito, Plínio! É claro que aceito! Queria ver até onde você aguentava de nervoso!

Ele quase desabou. As pernas tremeram, os olhos marejaram. Três meses depois, casaram-se. A cerimônia aconteceu na Igreja da Luminosidade, em Deneva — uma construção ancestral com colunas de cristal e cúpulas que refletiam as estrelas.

O casamento coincidiu com o lançamento do novo livro de Plínio:

Pilares de Gelo. Era uma obra grandiosa, ambientada no passado e no presente de Capela, onde viajantes do tempo tentavam impedir uma catástrofe que ameaçava todo o planeta. O livro foi um sucesso estrondoso. Por onde passava via um exemplar de seu livro. Coisas triviais da vida como ir ao mercado ou mesmo fazer um passeio era sempre um evento de autógrafos. Fãs chamavam seu nome. Conversavam sobre enredo, procuravam pistas sobre novos livros. Tornou-se um *bestseller*, e Plínio foi, enfim, alçado ao estrelato literário. O casamento, naturalmente, tornou-se um evento. Entre os convidados estavam fãs, jornalistas, escritores e estudiosos. O nome dele já circulava por toda Capela. Seus dois livros eram debatidos, citados, colecionados. E todos esperavam com ansiedade o terceiro, já anunciado: *Visitando Mundos*.

Como presente de bodas, receberam uma viagem para Antares — a primeira visita de ambos a outro planeta. Lá, entre praias de areia vermelha e mares cálidos, descobriram uma nova dimensão do amor. Para Plínio, a experiência foi transformadora. Estar entre outras raças, ouvir outras línguas, sentir-se parte de uma galáxia em comunhão o emocionava.

— Nós precisamos contar isso para o mundo, Evel — dizia, com um nó na garganta, enquanto caminhavam pela orla de Vandar, capital de Antares. — Mostrar que é possível viver em paz. Que a diversidade nos engrandece.

Evel, sempre pensativa, observava o horizonte cor-de-sangue.

— Talvez eu também escreva algo... — disse num sussurro.

— Sêrio? O quê?

— Um livro. Acadêmico. Chamar-se-á *Filosofias Antarianas: Uma Análise*.

Plínio estreitou os olhos e fez uma careta.

— Parece nome de monografia.

Ela deu um empurrão carinhoso nele.

— Mas é isso mesmo que ele vai ser, seu bobão!

E então riram, como sempre riam — aquele riso que só dois que se entendem no silêncio conseguem partilhar.

A viagem foi mais que especial. Foi decisiva. Na volta, Evel descobriu a novidade. Estava grávida.

A notícia da gravidez de Evel caiu sobre todos como um raio de sol atravessando a neve. Ninguém esperava — nem mesmo eles, recém-chegados de uma lua de mel que parecia ainda pairar sobre seus ombros como uma brisa leve. Mas quando Evel apareceu na sala segurando o pequeno visor do exame e o entregou em silêncio nas mãos de Plínio, foi como se o tempo tivesse se suspenso.

Ele leu. Piscou. Leu de novo. Depois, ergueu os olhos para ela, a boca entreaberta.

— É... sêrio?

Evel apenas assentiu, os olhos marejados de alegria e medo.

Ele riu. Riu alto, espontâneo, como uma criança que descobre que a mágica existe de verdade.

— Eu vou ser pai. Eu vou ser pai!

Pulou com os pés descalços sobre o tapete da sala, girou a esposa nos braços com um cuidado nervoso e tropeçou nas palavras.

— Você... nós... um bebê!

— Um só? — ela provocou, enigmática.

Desde aquele instante, algo mudou em Plínio. A escrita, que antes se voltava às estrelas, aos conflitos e às viagens épicas, mergulhou em outra dimensão: o universo da infância. Deixou de lado momentaneamente seu terceiro romance — aquele que os fãs esperavam com ansiedade — e se trancou no escritório com uma ideia clara como cristal: escrever um livro para o filho. Ou filha. Mas não seria apenas um livro infantil qualquer. Seria um livro de inclusão. De aceitação. De amor.

E assim nasceu

Os Três de Antares — uma história que unia três crianças: uma capelina, uma goodlesiana (embora Plínio jamais tivesse visto uma de verdade) e uma antariana. As três viviam num bairro afastado da cidade de Vandar, um lugar simples, quase rural, onde o tempo parecia caminhar devagar e os detalhes da vida ganhavam contornos de aventura. Juntos, os pequenos desbravavam mistérios criados por suas próprias mentes inquietas: sombras que se moviam sozinhas, ruídos vindos de casas abandonadas, trilhas secretas no meio do mato. Tudo era magia. Tudo era descoberta. Era, sem que ninguém precisasse dizer, a infância que Plínio sonhava para o filho.

O livro foi um sucesso imediato entre crianças — e pais. Ilustrado com traços delicados, narrado com lirismo, tornou-se um presente comum em aniversários e feiras escolares. E na primeira página, em letras delicadas, lia-se a dedicatória:

“Para Evel, minha estrela-guia, e para a luz que cresce em ti.”

Ao ler essas palavras, Evel demorou alguns segundos para conter a emoção. Sentada na varanda, o ventre já curvado, ela passou os dedos sobre a página e sorriu.

— Você me derrete, Plínio...

— Só estou escrevendo o que você me faz sentir.

Oito meses depois, vieram os gêmeos. Sim, gêmeos!

Ninguém esperava — nem mesmo os médicos, que durante os exames, sentiam haver algo a mais, mas nunca viam. Um se escondia atrás do outro, protegendo-se ou brincando de camuflagem no ventre da mãe.

— Tem certeza de que é só um? — perguntava a médica, cética.

— Deixe que seja surpresa — respondia Evel, com aquele sorriso maroto que só ela conseguia fazer.

E foi. No momento do parto, o espanto tomou a sala. Primeiro nasceu um, forte e saudável. Depois, enquanto todos suspiravam de alívio, veio o segundo — calmo, silencioso, como quem chega atrasado a uma festa.

Eldur e Landar. Dois nomes que pareciam ter brotado do próprio universo. Dois rostos que, mesmo pequenos e enrugados, já traziam algo de Evel neles. A curva dos olhos. A forma do queixo. O silêncio atento.

Com dois bebês em casa, a vida mudou. Tudo passou a ter o dobro de tarefas, o dobro de cuidado, o dobro de amor. As noites, curtas e quebradas. As manhãs, lentas e esgotadas. Plínio, com os olhos fundos e camiseta manchada de mingau, deixava os manuscritos de lado para estar presente — realmente presente. Colocava fraldas, esquentava mamadeiras, ninava com histórias improvisadas ao pé do berço. Evel, com paciência e firmeza, mantinha a casa em harmonia.

Foram anos de paz — uma paz rarefeita, entrecortada por choro e risos infantis, mas ainda assim... uma paz. A infância dos gêmeos passou como um sopro. E Plínio, entre uma ou outra madrugada de silêncio, ainda escrevia — mesmo que guardasse tudo numa gaveta. Esperava o momento certo.

Evel, por sua vez, publicou enfim o livro

Filosofias Antarianas: Uma Análise — o mesmo título acadêmico que Plínio zombava com carinho. A obra foi bem recebida na comunidade intelectual e a levou a uma posição de prestígio: professora da cadeira de filosofia na Faculdade de Deneva. Plínio a aplaudiu de pé no auditório, os filhos no colo, e cochichou no ouvido dos dois:

— A mamãe agora ensina as pessoas a pensarem melhor. Que sorte a delas.

Os gêmeos não entenderam, mas sorriram com orgulho.

Aos dez anos de idade, quando Eldur e Landar já corriam pelas ruas como furacões, uma sombra caiu sobre a família. Gilder faleceu. O historiador das grandes palavras, das tardes de chá e das lições sobre fé e história... se foi. E com ele, algo se apagou dentro de Plínio. Alexsir, seu eterno companheiro, ficou só.

A notícia rompeu o dia como um trovão. Plínio não chorou de imediato. Guardou. Guardou como quem tenta entender o que se perdeu. E só mais tarde, quando se trancou no escritório e abriu os velhos cadernos, deixou que as lágrimas se misturassem à tinta. Escreveu como quem sangra.

E desse luto nasceu o tão esperado romance.

Viagem Além dos Mundos, agora reescrito, expandido, renascido, tornou-se um fenômeno. Unia os planetas de Capela, Goodles e Antares numa mesma narrativa, onde heróis e líderes criavam uma organização para promover a paz na galáxia. Um projeto audacioso, sonhado e narrado por um escritor capelino... e assim, pela primeira vez, a União dos Planetas Confederados — a UPC — existiu. Primeiro, no papel.

E foi nesse momento de glória que a escuridão caiu de novo.

Veio a guerra.

E tudo... mudou.

A Armada Veneno surgiu no núcleo da galáxia como uma sombra súbita, um eclipse que ninguém previu. Silenciosa e brutal, espalhou-se entre os sistemas com a velocidade de uma praga antiga. Ninguém sabia de onde vinham. Os Hiverinos, uma raça desconhecida, pareciam não ter planeta natal próximo. Supunha-se que viessem de algum canto esquecido da orla interior, oculto até mesmo dos mapas mais avançados, pois jamais se ouvira falar de sua existência.

Já os Arturianos, esses eram velhos inimigos. Antares conhecia suas garras desde eras remotas — milênios de disputas frias por territórios que nenhum dos lados esquecia. Os Vazzionianos, por sua vez, haviam sido Goodlesianos um dia. Exilados por fomentar uma cisão filosófica e política em seu planeta de origem, vagaram sem pátria. Onde estabeleceram seu novo lar, ninguém sabia. Os Mizzarianos? Esses sempre estiveram por aí, como hienas nas rotas estelares. Atacavam cargueiros, caçavam viajantes. Piratas com bandeira invisível. Também não se sabia de onde vinham.

Inexplicavelmente, essas quatro raças belicosas — tão distintas em origem e cultura — uniram-se. Plínio dizia: "Eles vieram buscar o que sempre desprezamos... o que esquecemos na periferia da galáxia." E com essa frase, resumia uma verdade amarga. A

guerra não nasceu do nada. Ela brotou da negligência. Da arrogância. “A guerra estourou porque fomos egoístas.”

Antares perdeu suas colônias em semanas. O planeta-mãe resistia, mas já sofria. Goodles foi invadida pelos Vazzionianos. As rotas comerciais, antes tão vivas, foram seladas por mísseis hiverinos e bloqueios mizzarianos. Capela, isolada, sentiu o corte como uma faca no ventre. Um planeta gélido, onde a vida só persistia no subsolo, dependia de trocas e suprimentos. Sem Antares, o comércio secou. O Conselho Capelino tentou encontrar soluções, mas os canais estavam bloqueados, as opções, exauridas. A população foi avisada.

Economizem. Preparem-se. A recessão vem.

Nas casas, o silêncio passou a ecoar mais alto que qualquer alarme.

Plínio e Evel, como muitos, reagiram. A primeira decisão foi proteger os seus. Reuniram todos na espaçosa casa da família: Alexsir, agora mais frágil sem Gilder ao lado; Madan, a mãe de Evel, que viera da periferia da capital; e claro, os gêmeos, Eldur e Landar. Todos juntos, unidos pela incerteza. Estocaram alimento, combustível, remédios. Mas sabiam — nem todos tinham essa sorte.

Plínio se atormentava. O coração, sempre grande demais, latejava de culpa. Caminhava pela casa com os olhos fixos no chão, os dedos tamborilando ideias que nunca ganhavam forma.

— Eu... devia estar fazendo mais — sussurrava, numa noite qualquer, enquanto observava os filhos dormindo.

Faltava-lhe o impulso. A centelha. E, no fundo, sentia falta da fé do pai. Gilder sempre soubera onde tocar nos corações. Sempre sabia o que dizer.

Era tarde. As notícias chegaram como açoite. Mais colônias antarianas haviam caído. Os Mizzarianos avançavam. Naquela noite, deitado ao lado de Evel, Plínio olhava o teto, as palavras escorrendo da boca quase sem querer:

— E se eu me candidatar ao Parlamento?

Havia algo calmo na voz. Sem grandiosidade. Como quem solta um pensamento ao vento. Evel virou-se, puxando o lençol até o queixo. Seus olhos encontraram os dele — e ela viu ali aquela chama. Aquela mesma que cintilava quando ele sonhava com livros, planetas ou ideias impossíveis. Ela suspirou.

— Plínio... isso é sério.

— Eu sei.

— Se for mesmo seu caminho, não vai cuidar só de nós. Vai cuidar de um planeta inteiro. E ao contrário daqui, onde todos cuidamos de você, lá fora... você estará sozinho. Cercado de gente que não quer te proteger. Vai ouvir gritos, acusações, vai ser desafiado a cada passo. Eu... — ela engoliu a emoção — sempre achei que você chegaria nesse ponto. Mas essa escolha não é minha. Só posso dizer que estarei ao seu lado. Até o fim.

Ele não respondeu de imediato. Apenas a observou. Como fazia quando era menino e ouvia os pais falarem com sabedoria. Beijou-a na testa com ternura.

— Te amo. Foi só uma ideia. Boa noite.

Virou-se e dormiu. Mas a semente já havia sido plantada. E na manhã seguinte, germinava entre dúvidas.

Pela primeira vez na vida, sentiu um chamado diferente. Um impulso inexplicável. Decidiu visitar a Igreja da Luminosidade. Talvez ali... encontrasse respostas. Vestiu-se em silêncio e chamou os filhos:

— Vamos comigo. Quero lhes mostrar um lugar.

Os gêmeos o seguiram, empolgados. Já haviam estado ali, guiados por Gilder. Mas nunca com o pai. O templo erguia-se como um farol de gelo entre as construções soterradas. Seus vitrais translúcidos deixavam entrar o brilho tímido do céu capelino.

Lá dentro, Plínio guiou os meninos com a voz baixa, respeitosa:

— Esse templo é dedicado à tênue luz de Egrom... representado por nossa estrela-mãe. Ela é distante, mas sempre presente. Como a fé.

Os meninos logo se dispersaram entre as outras crianças. Riam, corriam, exploravam com alegria. Plínio, sozinho, sentou-se em um banco e ergueu os olhos para o teto. No alto, entre as estrelas pintadas, estava a imagem de Egrom — um grande orbe branco de onde partiam raios de luz, iluminando não só o céu, mas o interior do santuário.

“Pai... tenho sonhado, pensado...” — murmurou em pensamento. —

“Você sabe o que se passa na minha cabeça. Será que é agora? Será que devo?”

Sentiu-se pequeno. Perdido.

Foi quando uma voz quebrou o silêncio.

— Se acredita, ore.

Assustou-se. Virou-se. Uma senhora sentava-se atrás dele, envolta num manto cinzento. Seu rosto era suave como neve antiga.

— Desculpe?

— Ore, meu filho — disse ela com simplicidade. — Vejo como olha para Egrom. Não tente entender. Só peça... e tenha fé.

Ela tocou seu ombro com leveza e se afastou.

Nesse instante, o céu lá fora clareou. Não era um dia de tempestade — apenas nublado. Mas entre as nuvens, um raio de luz *real* escapou. Entrou pela claraboia e tocou o orbe branco no teto do templo. Os raios se acenderam como chamas divinas. A luz brilhou, quente, viva. Não era a luz fria e artificial de sempre. Era *a luz de Egrom*. E ele estava ali.

Plínio prendeu a respiração. Sentiu algo vibrar dentro do peito.

— Papai! — gritaram os gêmeos, correndo até ele. Abraçaram-no. Viram a luz. Ficaram hipnotizados.

E ali, entre o calor dos filhos, a bênção da luz e a lembrança do pai, Plínio soube. A resposta estava ali. Se havia um mundo pelo qual valia a pena lutar... era o mundo dos seus filhos. E ele lutaria por ele.

Faltava ainda um ano para as eleições gerais do Conselho Capelino. Durante esse tempo, Plínio iniciou uma série de conversas com sua família. Algumas eram longas, atravessando madrugadas. Outras, silenciosas, com olhares trocados à mesa do jantar ou mãos entrelaçadas na varanda. Ele sabia que uma cadeira no Conselho dos Duzentos era uma disputa de gigantes — nomes consagrados da ciência, líderes empresariais, clérigos influentes. E ele? Era apenas um escritor de fantasia. Mesmo sendo aclamado, mesmo com seguidores acadêmicos e leitores fervorosos, sabia como os outros o viam. Um homem de ideias ousadas demais. Ilusórias. Utopias embebidas em palavras bonitas.

Evel foi honesta desde o início.

— Eles vão te chamar de sonhador, Plínio. Talvez até de tolo. Mas se há alguém que pode transformar um ideal em realidade, é você. Só precisa estar pronto para lutar com armas que não são palavras. E aguentar o que vier.

Ele ouvia. Sentia. Mas o coração não hesitava. Capela sofria. As prateleiras estavam vazias. Crianças desmaiavam nas escolas. Os cientistas tentavam — muitos com boas intenções, outros nem tanto. Já havia rumores de experimentos que ultrapassavam os limites éticos em nome da sobrevivência. O governo estava frágil, desorientado, sem uma estratégia clara. O fantasma da guerra se aproximava.

E então, Plínio apresentou suas ideias. Não em palanques. Mas em cafés. Em praças públicas. Em pequenos auditórios improvisados. Propunha algo diferente.

— Precisamos parar de nos esconder — dizia. — Buscar novos mundos, alianças verdadeiras com nossos companheiros estelares. Ampliar a pesquisa científica, não para depender de importações, mas para viver com autonomia. E acima de tudo... precisamos de uma Armada Planetária. Não para invadir. Mas para *defender*.

O povo ouviu. Alguns riram. Outros franziram a testa. Mas muitos começaram a pensar.

As eleições chegaram. A disputa foi acirrada. Plínio foi o último a ser eleito, representando a capital planetária — uma vitória quase improvável. Alguns o chamavam de azarão. Outros, de esperança tardia.

Na cerimônia de posse, trajando o manto azul-acinzentado dos conselheiros, ele subiu à tribuna. O salão estava lotado. Na primeira fila, sua família observava em silêncio.

O discurso foi breve.

— Hoje, não falo como escritor. Falo como cidadão. Como pai. Como alguém que acredita que Capela merece um futuro que não esteja enterrado no subsolo, mas erguido nas estrelas. Hoje, eu sirvo. Porque serviço é mais do que dever — é compromisso com o bem maior.

A sala silenciou por segundos após o fim. Depois, vieram os aplausos — tímidos, sim, mas verdadeiros.

No mês seguinte, o Conselho elegeu rapidamente sua liderança. O ano começaria com discussões acaloradas. E Plínio não esperou. Seu primeiro projeto: a Defesa Planetária. Desta vez, não riram. A urgência da guerra havia chegado aos olhos de todos. O medo era um catalisador. E Plínio, surpreendendo até seus críticos, mostrava-se firme. Seu nome começou a circular pelas mesas do conselho com respeito contido.

O projeto foi aprovado. E com ele, veio o arrependimento. A construção de uma Armada demandava mais do que naves. Requeria *pessoas*. Soldados. Oficiais. E, mesmo sem tornar o alistamento obrigatório, todos os jovens foram convocados para o serviço militar básico. Incluindo... os gêmeos. Eldur e Landar, com dezesseis anos, não apenas foram chamados — foram destacados. As notas exemplares, o raciocínio rápido, a habilidade com tática e estratégia os colocaram entre os nomes prioritários da nova geração de cadetes.

- É nossa chance mãe! Podemos fazer a diferença, colocar em prática tudo o que você e o pai nos ensinou — disse Landar.

- Desde pequenos vocês mostraram para nós que devemos ajudar o próximo. Que precisamos estar atentos. Não foi o que fiz enquanto estava no seu ventre? Protegi o Landar até a hora do nascimento, tanto que ninguém viu que ele estava. Vou fazer o mesmo agora, não só com o Landar, mas com você e o pai e todo o mundo de Capela — salientou Eldur que tinha ares de herói desde pequeno.

A notícia caiu como uma lâmina em Evel. A dor veio primeiro. Depois a fúria. E por fim, o silêncio.

— Eles são só meninos — ela disse, a voz trêmula, com lágrimas a lhe descer pela face alva. — E agora vão marchar para longe porque você... você teve uma ideia!

Plínio tentou argumentar. Mas a culpa pesava mais do que qualquer palavra. Jamais havia imaginado os filhos com armas nas mãos. Pensava neles como acadêmicos, presos em bibliotecas, debatendo filosofia e escrevendo artigos sobre mundos possíveis. *Mas... não era essa a natureza deles.*

E então veio outro golpe. Madan, mãe de Evel, faleceu. Plínio viu sua esposa desabar. Magoada, solitária, o rosto seco de tanto chorar. A casa tornou-se fria como a superfície do planeta. Silenciosa. E mesmo com Alexsir ainda vivo, o velho já estava senil, apagando-se pouco a pouco. O casamento balançava. Estava por um fio.

Em uma noite qualquer, sentado na antiga poltrona de Gilder, Plínio ouvia o velho Alexsir tagarelar sobre tempos distantes. Até que, num lampejo de clareza, o velho o fitou com olhos firmes.

— Se você não conversar com ela... esse casamento vai acabar. E não foi pra isso que você entrou para o Conselho.

Plínio engoliu em seco.

— Eu sei, pai... mas me falta coragem.

— Então ache. Ou despeça-se da sua esposa. Porque ela vai embora. E você vai perder tudo.

As palavras ficaram ali, flutuando, como fumaça em um quarto fechado.

Naquela mesma noite, ele subiu. Encontrou Evel no quarto, de costas, olhando a janela. A cidade ali, subterrânea e brilhante com suas luzes que nunca se apagam. Ela sabia que ele estava ali. Mas não se virou.

Silêncio.

— Me perdoa, meu amor. Eu erreí tanto...

— Sim — ela respondeu, ainda olhando pela vidraça. — Mas não só você. Eu também. Eu... queria te pedir desculpas. Mas não tem sido fácil. Eu temo pelos nossos filhos, Plínio.

Ele se aproximou, devagar. Encostou a testa em suas costas.

— Eles são espertos. São bons. E... estão gostando. — Respirou fundo. — O que poderíamos fazer?

Ela se virou. Pela primeira vez em dias, seus olhos encontraram os dele. E ali, no abraço que veio a seguir, reencontraram-se. Ela, a mesma jovem da faculdade. Ele, o mesmo rapaz sonhador de cabelos prateados bagunçados. As dificuldades continuavam. Mas Capela ainda resistia. E seu povo... permanecia forte.

Quinze anos se passaram. Plínio os sentia no peso dos ombros e nas rugas que apareciam na testa e envolta dos olhos. Agora de barba que já se mostrava muito mais branca que prateada. Foram anos de trabalho intenso. Tempos de batalhas silenciosas, vitórias suadas e derrotas amargas. Plínio envelheceu entre os corredores do Conselho, moldando o destino de Capela com palavras afiadas e convicções inabaláveis.

Enquanto isso, os gêmeos cresciam. Cada um seguindo seu próprio caminho, escolhas individuais as quais os pais apoiavam sem restrições. Já eram adultos e parecia que foi ontem que ambos brincavam pela casa.

Eldur, agora com trinta anos, tornara-se Capitão da Armada Capelina. Comandava sua própria nave, firme e respeitado. Nunca se casou. A frota era sua casa, o espaço, seu altar silencioso. Dedicava-se com fervor ao serviço, como se toda a galáxia dependesse dele.

Landar, por outro lado, seguiu um caminho diferente. Chegou à patente de tenente, mas logo percebeu que sua vocação estava além do campo de batalha. Abriu uma empresa de pesquisa em defesa planetária — e seus projetos revolucionaram o setor. Era um gênio. Suas invenções mudaram o padrão de segurança em Capela, e sua empresa assinava contratos com os mais altos escalões do setor militar. Casou-se duas vezes. A primeira união durou pouco, corroída pelas horas que ele dedicava ao trabalho. A segunda esposa, uma desenhista técnica de sua própria equipe, tornou-se sua parceira em tudo. Foi com ela que vieram os primeiros netos de Plínio e Evel: Elena, primeiro, e dois anos depois, Sunal, de olhos tão profundos e serenos que diziam lembrar os de Gilder.

Foi também nesse período que Alexsir partiu. Em paz, numa noite tranquila. Apenas adormeceu... e não acordou mais. Plínio segurou sua mão até o fim. Sentiu como se dissesse adeus a um tempo inteiro.

Capela florescia, mas a galáxia ardia.

Plínio havia sido escolhido como Líder do Conselho. Lutou por isso. Seus debates com oponentes eram acalorados, mas ele era cirúrgico em seus argumentos. Certa vez lutando para passar o projeto de pesquisa genética no parlamento, demonstrou que estava bem à frente de seus oponentes. A pesquisa era cara e custosa e demandava recursos do conselho, seu oponente o Conselheiro Faray, gostava de se apoiar nisso e ainda mais, gostava de desmerecer o passado de seu adversário.

- O que um escritor de fantasia, fora da realidade vai saber sobre política galáctica? Talvez em seus livros de faz de conta, tudo possa ser resolvido rapidamente por um herói oculto, mas aqui na realidade, precisamos debater o que é real para o povo!

- Sem dúvida o nobre colega sabe o que é a realidade, mas tudo que é real hoje um dia foi sonhado e para construir um futuro melhor, é preciso primeiro ter a coragem de *imaginá-lo*.

Plínio demonstrou que sem a pesquisa Capela estava estagnada em comparação ao seus vizinhos. Vidas poderiam ser salvas!

- Acredito que o Conselheiro não pensou naqueles que estão padecendo em hospitais com uma doença sem cura!

Estava à frente de tratados com outros planetas, que temiam o avanço de uma guerra que parecia interminável. Foi nesse momento que os Juliet se revelaram ao Conselho. Seres de luz. Parecidos com os capelinos, mas etéreos, evoluídos ao ponto de terem se desligado da matéria. Diziam que o corpo era uma prisão e que o caminho natural seria o da transcendência. Espíritos conscientes.

— Um dia... talvez — comentou Plínio em uma reunião. — Mas por enquanto, ainda estamos aprendendo a conviver com os nossos corpos.

E a guerra? Mais feroz do que nunca. Antares sofria. A pressão era insustentável. A queda parecia inevitável. Se ruísse, o núcleo da galáxia colapsaria. Capela passou então a financiar a Resistência Antariana, que combatia nas sombras o Império Arturiano. Uma jogada arriscada.

— Isso vai trazer a guerra para dentro de casa — disse Evel, preocupada.

— Eu sei. Mas é o único caminho — respondeu ele.

Estava certo. A inteligência capelina já indicava movimentações em direção ao planeta.

E então, algo que mudaria tudo.

O embaixador Helius Varnece foi enviado com seu pupilo, o promissor cientista Anêmonis Aquan, para Canus. Plínio confiava em Aquan. Via nele a centelha da justiça, da razão, da coragem — e quem sabe, o futuro de Capela na política. Mas Varnece era um lobo em pele de cordeiro. Subornado pelos arturianos, armou uma farsa grotesca. Simulou um

sequestro e deixou Aquan e os demais tripulantes da Zeta25 à mercê das forças inimigas. Voltou a Capela como herói. Disse ter escapado. Disse que todos os outros haviam morrido.

Plínio acreditou.

Um ano depois, a mentira caiu por terra. Aquan reapareceu. Vivo. E com ele, os outros tripulantes que sobreviveram a trama. Varnec fugiu para Antares, traindo tudo o que havia jurado. Juntou-se ao Imperador Alheus e à rede corrupta que vendia o planeta ao inimigo. Os arturianos se preparavam para invadir. Mizzar já tinha Capela no radar.

Era hora de agir. Uma emboscada foi montada para eliminar os tripulantes da Zeta25. Embarcados numa nave obsoleta, a Zeta08, foram enviados numa missão suicida. Aquan, mesmo exausto, queria chegar a Deneva para testemunhar e pegou uma carona na nave condenada.

Nunca chegou.

A nave foi destruída. Destroços encontrados. O planeta inteiro chorou. Plínio, debruçado no púlpito do Conselho, não conteve as lágrimas.

— Não podemos mais esperar. A galáxia sangra. E nós... vamos lutar.

Oito anos depois, a notícia. Zeta08 sobreviveu. Estavam vivos — presos em Agator, a prisão mineradora arturiana. Nem todos voltaram. Mas Muriell, Tyran, Azrael, Spike e Zustras... retornaram com a chama da justiça. Aquan, não. Sua morte fora confirmada. Mas sua memória, imortal.

Era hora da última batalha.

A Frota Branca, união das armadas de Capela, Goodles, Canus e da Resistência Antariana, partiu para o sistema Gacrux. Plínio, trêmulo, acompanhava tudo de seu gabinete. Evel, sentada ao lado dele, apertava-lhe a mão. Eldur estava lá. Comandando sua nave. Rumo à guerra.

Plínio ajoelhou-se.

— Egrom... meus pais... guiem nossos filhos.

O milagre veio. Não em luz, mas em verde — o símbolo dos Canopulanos. Suas naves emergiram com força avassaladora. A Armada Veneno caiu. Os Hiverinos fugiram. O Palácio Carmesim de Antares foi libertado. O Imperador traidor, executado. Tyran Alheus, príncipe que Plínio conhecera em tempos antigos, assumia o trono.

De volta a Deneva, uma noite de festa. Plínio, de mãos dadas com Evel, sorria entre aplausos. Mas havia tristeza. As cicatrizes da guerra jamais sumiriam.

Dois meses depois, Deneva foi palco de um novo marco. Metatron de Goodles, Tyran de Antares e o Presidente Otávio Lar de Canus sentaram-se com Plínio para criar a UPC — a União dos Planetas Confederados.

— Não queremos mais guerra. Queremos união e com ela a paz — disse Plínio.

Todos concordaram. A sede temporária seria em Deneva. Logo, uma estrutura administrativa foi desenhada: embaixadores, um Senado, e eleições populares para escolher o Presidente da União.

Todos queriam Plínio. Ele recusou.

— Quero uma eleição. Justa.

As candidaturas vieram. Plínio Chartô, por Capela, com Gabriel de Goodles como vice. Evelyn Samur, por Canus, com Palmos Alanar, de Antares. Plínio venceu com ampla maioria.

Presidente da UPC. Era um símbolo vivo. Uma lenda. E ainda assim... um simples capelino.

Evel viu antes de todos. A tosse. O cansaço. A dor. Os médicos foram claros: fibro obstrução pulmonar. Uma doença rara. Sem cura. E prematura. Plínio tinha apenas setenta anos.

— Não vou morrer. Mas se eu morrer... vou te assombrar, hein? — dizia sorrindo, tentando esconder o medo.

Evel sorria também, mas com os olhos úmidos. Sabia que a chama se apagava.

Mesmo debilitado, implementou políticas estruturais. Criou o Senado, a Embaixada, e fortaleceu a Frota da UPC com oficiais da antiga Frota Branca. Hedén foi escolhida como cidade-sede. Em seu último grande ato, negociou a entrada de Canopus na União. A festa seria em Larantis, capital do planeta, entre as cúpulas de vidro e cidades submersas. Ele queria estar lá.

— Vamos ver peixes nadando sobre nossas cabeças, Evel! — dizia, rindo, como uma criança.

Naquela noite, já frágil, brincaram com os netos, jantaram em família, ouviram música. Ele estava feliz.

— Minha vida foi ótima — disse, enquanto ela o ajudava a vestir o pijama. — Você, meus pais, meus filhos, netos... até bisneto. Olha só. Fiz muita coisa.

— Não só por nós — respondeu ela. — Por uma galáxia inteira.

Deitado, olhou pela janela a estátua recém-inaugurada de Anêmonis Aquan. O jovem herói de Capela. A estátua olhava para o horizonte. Assim como Plínio.

Fechou os olhos. E dormiu.

Evel, ao seu lado, sentiu o último suspiro... e suspirou com ele.

Partiram juntos. Como sempre haviam prometido.

Plínio faleceu no quarto ano de seu mandato como Presidente da UPC. Seu vice, Gabriel, assumiu o cargo. As eleições viriam. Mas o legado de Plínio permanecia: uma galáxia unida, onde as diferenças nunca mais seriam desculpa para a guerra. Um universo onde sonhos, uma vez escritos em papel, tornaram-se realidade.